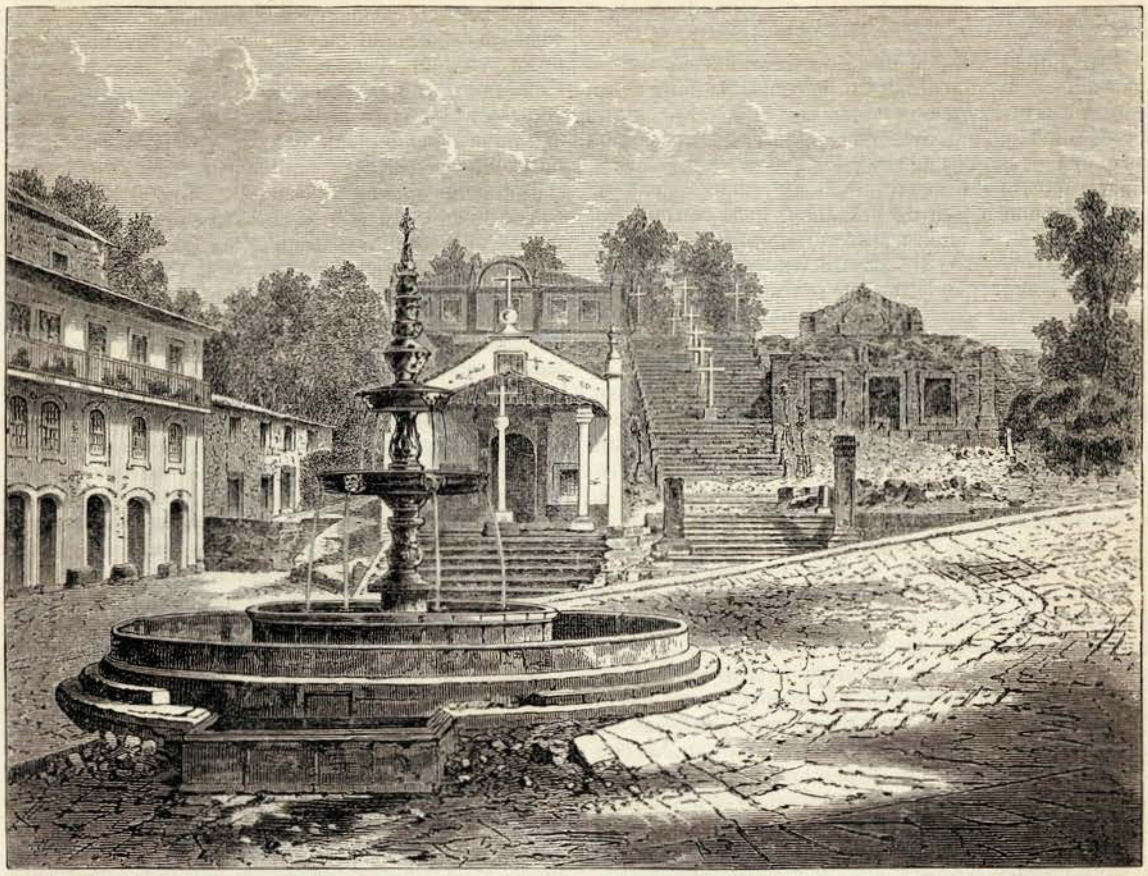


Largo da Regeneração, em Ponte do Lima

VILLA DE PONTE DO LIMA

Já por vezes temos dedicado alguns artigos á historia e descripção d'esta antiquissima villa, que se senta pittorescamente nas aprazíveis margens do rio Lima, e que ostenta, por brazão da sua antiguidade e nobreza, varios padrões romanos, em que figura com o nome de *Forum Limicorum*.

No vol. VI do *Archivo Pittoresco*, a pag. 337, encontrarão os nossos leitores uma vista do rio Lima e da formosa ponte de pedra que sobre elle lançou, em frente da villa, el-rei D. Pedro I; e acompanhando essa gravura uma serie de artigos ácerca das *vias romanas, via militar de Braga a Astorga por Ponte do Lima, ponte do rio Lima e arrabalde da villa de Ponte do Lima, chamado — rua d'Além da Ponte*. No vol. VII, a pag. 385, acharão um panorama de parte da villa, do rio Lima, da ponte e da margem opposta, seguido de tres artigos historiando os factos mais memoraveis da povoação, e descrevendo o que n'ella ha de mais notavel.

A parte da villa representada n'essa gravura é o *largo da Regeneração*, visto do interior para o lado do rio.

A gravura que publicâmos agora mostra o mesmo largo, porém visto do rio para o lado do interior da povoação. N'esta gravura avulta com mais gentil aspecto o chafariz que decora o largo, e vê-se de frente a capella de S. Sebastião, que na outra apenas mostra a fachada lateral, onde se abre a porta travéssa. Junto da capella sóbe uma comprida escadaria ornada das cruzes da via-sacra, que conduz a um terreno plantado de arvores.

A pag. 399 do vol. VII démos algumas noticias a respeito d'este largo da Regeneração, da referida capella, e do hospital chamado *de Fóra*, que se ergue no mesmo largo. Não parecerá bem, sem dúvida, repetir aqui o que então escrevemos; mas, considerando que nem todos os nossos assignantes terão conhecimento d'aquellas noticias, ou possibilidade de as procurarem no dito volume, vamos incorrer em uma quasi repetição. Limital-a-hemos, porém, á capella do martyr S. Sebastião.

Esta capella foi antigamente synagoga dos judeus. Não ha certeza da epocha em que deixou de o ser; mas parece que esse acontecimento se realisou no fim do seculo XV, por occasião da impolitica ordenança del-rei D. Manuel, que, para lisonjear a corte de Castella e facilitar o seu casamento, vencendo a repugnancia da princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos Isabel e Fernando, e a esse tempo viuva do principe D. Affonso, filho dos nossos reis D. João II e D. Leonor, expulsou de Portugal todos os moiros e judeus que recusaram abraçar a religião de Christo.

Logo depois da expulsão dos judeus foi a synagoga de Ponte do Lima purificada e convertida em templo catholico, consagrado a S. Sebastião. Com o correr dos seculos foi tendo esta capella differentes reedificações, de modo que nada conserva da sua origem, além das memorias escriptas ou tradicionaes. Os judeus de Ponte do Lima moravam na *rua Nova*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FACTOS DO SECULO XV

(Vid. pag. 171)

III

Investido D. Affonso no alto officio de reinar, e recebendo do infante D. Pedro as contas da administração que este fizera no periodo do seu governo, sentiu desde logo quanto os hombros lhe eram fracos para sustentar os montes de cuidados que se accumulavam. Contava o rei unicamente quatorze annos, edade em que, segundo o fôro de Hespanha, qualquer principe real deve haver inteira posse e administração do seu reino e senhorio [1]; D. Affonso entendeu, porém, arrazoado e conveniente, deixar-se robustecer amparado pelo tio, e este por mais dois annos governou o reino, com tanto poder e moderação como quando era regente.

Seus inimigos não deixavam um momento de solapar a confiança que o rei lhe dispensava: a hoste dos maldizentes tinha a uma das alas o duque de Bragança, e na outra o arcebispo de Lisboa. Como a camara, o povo de Lisboa e as principaes cidades do reino votavam ao infante a estimação mais entranhada, começaram os invejosos a tirar d'aqui materia para um grosso tomo de accusações. No que era acatamento e reverencia descobriram pacto suspeitoso; deram curso á maledicencia e abocanharam raivosamente nos creditos do duque de Coimbra. Por mais rigida e bem formada que seja a probidade de um homem, quando as linguas desaforadas e serpentinas se deitam a fustigal-a como ondas, essa probidade tem de se alluir e desmoronar aos olhos do mundo. Poucos tratam de apreciar o que ha de verdadeiro nos commentarios, e, ao cabo, a insistencia dos dicazes applaude-se, e o varão serio tem de curvar a cabeça. Foi o que succedeu com o infante.

O rei, adolescente ainda, deu facilmente ouvidos aos maus conselheiros, e entrou a afastar o duque e a sacudir a tutoria. Os inimigos não pararam; viam-se a meio do caminho e queriam chegar ao limite. A perversidade é um genero de fome horrivel. Morde-se em tudo, e morde-se com a sofreguidão do lobo. *Certaines âmes ont des dents*, disse não ha muito o primeiro escriptor do seculo; entre os inimigos do infante havia algumas d'estas almas.

D. Affonso, á proporção que as calumnias lhe iam fazendo mossa, ia esfriando no trato e na convivencia com o tio; a final, não podendo este soffrer o desgosto que lhe dava o desamor com que era recebido, tomou a resolução de sair da corte, pedindo para isso licença ao rei, que lh'a concedeu de prompto, mandando-lhe dar uma solemne quitação de todo o tempo que por elle regêra seus reinos, com approvação de tudo o que em seu nome até então dera e fizera [2].

Nem todos, seja dito, se haviam bandeado com o duque de Bragança; homens de boa tempera sustentavam a causa de D. Pedro e juravam pela nobreza do seu caracter. Realçava no meio d'elles D. Alvaro de Almada, conde de Abranches, e o mais galhardo e intrepido cavalleiro d'aquelles tempos. Indignado contra o que via, e não podendo refrear os impetos pundonorosos, foi ao conselho, armado de todas as armas, e, levantando-se, fez a apologia da regencia do duque, terminando por este modo: «Se alguem se atrever a sustentar que D. Pedro, duque de Coimbra, não é fiel a el-rei, nem bom patriota, aqui estou prestes para o fazer confessar pela minha espada, que quem tal diz mente e é um aleivoso.» Os cortezãos encolheram as garras, mas prepararam-se para maior assalto.

1 Pina — *Chron.*, cap. 86.
2 Pina, cap. 89.

Conseguiram que el-rei prohibisse a todos communicação com seu sogro, e que lhe mandasse pedir as armas que elle tinha. O duque respondeu que el-rei estava de paz, e que elle, pela sua parte, necessitava d'ellas para se defender dos inimigos. Chegadas as coisas a este ponto, a victoria dos contrarios não se tornava difficil. A indisposição lavrava, a chamma ia-se ateando, os mais innocentes actos olhavam-se como culposos, o receio aconselhava a precaução, e esta afigurava-se como tentativa. Entreveiu a rainha, e, buscando congraçar o pae com o marido, atiçou irreflectidamente o fogo e precipitou a catastrophe. Avisou o duque para que escrevesse a el-rei pedindo-lhe perdão, e o duque respondeu-lhe que tal perdão pediria para condescender com ella. Esta palavra *condescender*, escripta na carta que a princeza teve a inconsideração de mostrar ao esposo, feriu o melindre real e exaltou-lhe a colera. Um vocabulo transformou-se em ariete; as ultimas esperanças foram derrubadas por elle [1].

Depois de haverem perdido o infante, assentaram os ribaldos que era prudente desconceituar a rainha. A sua intercessão como filha podia represar as suggestões de vingança, e o que era trama de largos annos, meditado e enredado com pericia, podia desfazer-se e annullar-se a um sôpro imprevisto. Para isso persuadiram a el-rei que a sua ligação com a rainha lhe era prejudicial á saude, e em seguida, para a abaterem e tornarem inutil, fizeram prender o conde de Monsanto, criminando-o de dizer amores á rainha [2].

Não havia malha solta na rede; attendêra-se a tudo e prevenira-se tudo; um passo que se désse, e estava certa a preza.

O conde de Abranches foi de aviso que o duque viesse á côrte a justificar-se, acompanhado de quinhentos de pé e de mil de cavallo. Apressou-se elle em acudir por sua honra, e, partindo de Coimbra, determinou buscar pessoalmente ao sobrinho e desmascarar os que o infamavam. Quando caminhava para a capital foi declarado rebelde e accommettido pelas tropas do rei, tendo, para se defender, de levantar trincheiras e postar-se na defensiva. Mandou D. Affonso publicar um édito, pelo qual declarava traidores a todos os que não deixassem a companhia do duque. O resultado foi que alguns da tropa real se passaram para os fronteiros, e outros se retiraram.

No seguinte dia os del-rei marcharam contra o duque, e a briga empenhou-se decisivamente. Era isto nos campos de Alfarrobeira. De uma banda estava um punhado de homens leaes e devotados, da outra um exercito brutal e cego. Quando mais ferida andava a peleja, veiu uma setta colher o infante e o deixou por terra. Rareavam as fileiras, os do duque succumbiam ao peso das armas contrarias, o chão cobria-se de cadaveres, e o sangue corria n'aquella batalha vergonhosa, em que a honradez era immolada á perfidia.

Eram poucos os combatentes, poucos mas valorosos; um, sobre tudo, primava pelo ardimento e pela destimidez; a sua espada traçava um largo circulo, e a morte acenava-lhe na lamina. Era o conde de Abranches, Alvaro Vaz de Almada, um dos doze de Inglaterra, cavalleiro da Jarreteira, e o mais denodado campeador da Europa. Havia elle jurado sobre a hostia, com o duque de Coimbra, de morrerem juntos, e um pelo outro. Não faltou ao juramento. Luctou com a bizarria dos annos de pujança e de virilidade; o seu cavallo galgava sobre montões de cadaveres, e o braço infatigavel do heroe descia como mangoal sobre a multidão inimiga. O sangue purpureava-lhe a armadura, as forças perdiam-se, o alento faltava; por fim, cançado se deixou cair, exclamando: «Ó corpo, já sinto que não pódes mais, e tu, ó alma, já tardas.» E cor-

1 Faria e Sousa — *La Clede*, etc.
2 Pina, cap. 114.

rendo alguns peões para o acabarem ás lançadas, elle, com amargo sorriso, lhes dizia: «Fartar, fartar, villanagem!»

D. Affonso V tornou para Lisboa com as palmas ensanguentadas da victoria. O cadaver do infante ficou tres dias insepulto, até que alguns camponezes o levaram a furto, e com grande desacatamento o soterraram na egreja de Alverca. Os seus parciaes foram postos a tratos e interrogados sobre a supposta conspiração do duque, os papeis que este tinha vieram para poder del-rei, mas do interrogatorio não se tirou prova de crime, e os papeis continham apenas projectos em beneficio do serviço real e do estado [1].

O papa Nicolau V chegou a ameaçar com excommunhão aos que denegaram sepultura ao regente, e o duque de Borgonha mandou pedir seu cadaver a el-rei. D. Affonso ordenou que o cadaver de seu tio fosse levado para o castello de Abrantes, e pouco depois fez declarar por bons e leaes vassallos os que lhe haviam seguido o partido. A justiça tinha de sobrenadar a seu tempo. Jurado o principe D. João successor á coroa (1455), el-rei ordenou que o cadaver do regente fosse trasladado com grande pompa do castello de Abrantes para o convento da Batalha. O seu tumulo é o primeiro, e á mão direita del-rei seu pae; tem por divisa, de uma parte a da ordem da Jarreteira, de que era cavalleiro, com a letra d'ella, e da outra umas balanças e uns ramos de asinheiro com suas bolotas, tendo esta letra: *Desir* [2].

Tal foi, em resumo, a vida do infante D. Pedro, duque de Coimbra. A inveja torpe e a inimizade villã conspiraram contra elle, e, aproveitando-se da verdura do rei, conseguiram que este praticasse um feito que mareou a sua coroa.

As conquistas de Africa, a epopéa de Arzilla, os cantos de Mousinho de Quebedo, os titulos accrescentados ao de rei de Portugal, os recamos da purpura e o luzimento das armas, podem offuscar os credulos e esconder manchas pequenas; mas sobre tudo isso ha de avultar a nodoa da ingratidão, nodoa de sangue que se não apaga. A chronica de D. Affonso V tem uma pagina humedecida. A posteridade, folheando esse livro, onde ha mais de um capitulo brilhante, quando chegar áquelle onde se abre o titulo de Alfarrobeira, tem de arredar a vista e exclamar como o grande tragico: *Yet here's a spot!*

Agora que concluimos o perfil politico do infante, fallaremos d'elle em relação ás suas composições poeticas.

(Continúa) E. A. VIDAL.

OS APOSTOLOS

(Conclusão. Vid. pag. 175)

Copiaremos em seguida do Evangelho de S. Mattheus [3] as instrucções que Jesus deu aos doze apostolos quando os enviou á prégação da nova lei:

«A estes doze enviou Jesus, dando-lhes estas instrucções, dizendo: Não ireis caminho de gentios, nem entreis nas cidades dos samaritanos:

«Mas ide antes ás ovelhas que pereceram da casa de Israel.

«E pondo-vos a caminho prégae, dizendo que está proximo o reino dos ceos.

«Curae os enfermos, resuscitae os mortos, alimpae os leprosos, expelli os demonios: dae de graça o que de graça recebestes.

«Não possuaes oiro nem prata, nem tragaes dinheiro nas vossas cintas:

«Nem alforge para o caminho, nem duas tunicas, nem calçado, nem bordão, porque digno é o trabalhador do seu alimento.

«E em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, informae-vos de quem ha n'ella digno, e ficae ahi até que vos retireis.

«E ao entrardes em casa, saudae-a, dizendo: Paz seja n'esta casa.

«E se aquella casa na realidade o merecer, virá sobre ella a vossa paz; e se o não merecer tornará para vós a vossa paz.

«Succedendo não vos querer alguem em casa nem ouvir o que dizeis, ao sair para fóra de casa ou da cidade sacudi o pó dos vossos pés.

«Em verdade vos digo isto: Menos rigor experimentará no dia do juizo a terra de Sodoma e de Gomorrha, do que aquella cidade.

«Vêde que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos. Sêde logo prudentes como as serpentes, e simples como as pombas.

«Mas guardae-vos dos homens; porque elles vos farão comparecer nos seus juizos, e vos farão açoitar nas suas synagogas:

«E vós sereis levados por meu respeito á presença dos governadores e dos reis para lhes servirdes a elles e aos gentios de testimunho.

«E quando vos levarem, não cuideis como ou o que haveis de fallar, porque n'aquella hora vos será inspirado o que haveis de dizer:

«Porque não sois vós os que fallaes, mas o espirito de vosso Pae é o que falla em vós.

«E um irmão entregará á morte a outro irmão, e o pae ao filho, e os filhos se levantarão contra os paes e lhes darão a morte:

«E vós por causa do meu nome sereis o odio de todos: aquelle, porém, que perseverar até o fim, esse é o que será salvo.

«Quando, porém, vos perseguirem n'uma cidade, fugi para outra. Em verdade vos affirmo que não acabareis de correr as cidades de Israel sem que venha o Filho do Homem.

«Não é o discipulo mais que seu mestre, nem o servo mais que o seu senhor:

«Basta ao discipulo ser como seu mestre e ao servo como seu senhor. Se elles chamaram Belzebut ao pae de familias, quanto mais aos seus domesticos.

«Pois não os temaes; porque nada ha encoberto que se não venha a descobrir, nem occulto que se não venha a saber.

«O que eu vos digo ás escuras, dizei-o ás claras; e o que se vos diz ao ouvido, publicae-o dos telhados.

«E não temaes aos que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes, porém, ao que póde lançar no inferno tanto a alma como o corpo.

«Porventura não se vendem dois passarinhos por um asse, e um d'elles não cairá sobre a terra sem vosso pae?

«E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados.

«Não temaes, pois, que mais valeis vós que muitos passaros.

«Todo aquelle, pois, que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pae, que está nos ceos:

«E o que me negar diante dos homens, tambem eu o negarei diante de meu Pae, que está nos ceos.

«Não julgueis que vim trazer paz á terra; não vim trazer paz, mas espada:

«Porque vim separar ao homem contra seu pae, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra:

«E os inimigos do homem serão os seus mesmos domesticos.

«O que ama o pae ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim, e o que ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim.

«E o que não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim.

[1] Vasconcellos. — Brito — *Elogios dos reis*, etc.
[2] *Retratos e elogios dos varões e donas*, etc.
[3] S. Matth., cap. X.

«O que acha a sua alma, perdel-a-ha; e o que perder a sua alma por mim, achal-a-ha.

«O que a vós vos recebe, a mim me recebe; e o que a mim me recebe, recebe aquelle que me enviou.

«O que recebe um propheta na qualidade do propheta, receberá a recompensa de propheta; e o que recebe um justo na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo.

«E todo o que der a beber a um d'aquelles pequeninos um copo de agua fria só pela razão de ser meu discipulo, na verdade vos digo que não perderá a sua recompensa.»

S. Paulo é o primeiro apostolo pela doutrina; S. Pedro pela auctoridade. A egreja catholica romana dá testimunho d'isso, assegurando que S. Pedro foi collocado por Jesus á frente dos doze apostolos, e que Jesus designava Pedro como o mais firme sustentaculo do edificio que ia levantando: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella [1].»

S. Pedro, que vivia com os judeus, e não renunciára a pratica da antiga lei, prégando, todavia, a nova, é chamado o apostolo da circuncisão. S. Paulo, que communicava com os gentios, é chamado o apostolo das nações. S. Pedro tambem tem o nome de principe dos apostolos, e S. Paulo o de grande apostolo, ou apostolo.

Nos livros canonicos diz-se muitas vezes episcopado por apostolado. S. Pedro, propondo aos fieis dar successor a Judas, recorda esta passagem do psalmista: «Que o seu episcopado passe a outro.» Como a palavra episcopado, no sentido primitivo, significa intendencia, administração, foi alli bem empregada. Depois do estabelecimento do christianismo, as palavras apostolado e episcopado tornaram-se synonymas, e receberam a significação especial e santa que hoje tem. Os gregos, até então, tinham dado aos embaixadores, enviados e nuncios, a denominação de *apostolos*, e aos intendentes e administradores, a de *episcopos*.

Os judeus davam o nome de apostolo ao funccionario encarregado de cobrar o tributo que se devia ao patriarcha. Anteriormente á vinda de Jesus Christo, davam tambem este nome aos cobradores que recebiam o meio siclo que os israelitas deviam ao tabernaculo; e posteriormente á resurreição de Jesus, davam-n'o aos missionarios que enviavam de uma para outra parte a fim de impugnar a doutrina dos santos apostolos e calumnial-os. Deve-se notar que S. Paulo ia desempenhar uma missão similhante em Damasco quando foi convertido á fé; e que, por consequencia, fôra apostolo de Caiphás antes de ser apostolo de Jesus.

Em Veneza, as primeiras doze familias patricias foram conhecidas sob a denominação dos doze apostolos.

Tal grego ou tal persa é chamado apostolo em Herodoto, como tal romano é chamado bispo em Cicero, que diz que Pompeu queria fazel-o bispo de Campana.

Mahomet toma indifferentemente a qualidade de apostolo ou propheta de Deus. «Não sou o primeiro apostolo, diz elle, não conheço a sorte que o Todo Poderoso nos reserva; mas sou fiel ás inspirações divinas, e o meu ministerio limita-se á prégação.»

Exceptuando Filippe e Mathias, todos os apostolos soffreram martyrio. S. Thiago-menor foi espancado por um pisoeiro em Jerusalem, onde S. Thiago-maior foi degolado por ordem de Herodes Agrippa; Santo André, irmão de S. Pedro, foi martyrisado na cruz que tem o seu nome; S. Bartholomeu foi esfolado vivo em Albanapola, nas margens do mar Caspio; S. Thomé foi morto ás lançadas em Meliapur, na India; S. Mattheus, estando na Ethiopia, cortaram-lhe a cabeça; S. Simão recebeu o martyrio na Persia, onde tambem o encontrou S. Judas-Thaddeu; S. Paulo e S. Pedro foram mortos em Roma, um degolado, e o outro crucificado com a cabeça para o solo, como o solicitára em signal da sua humildade; S. João, quando se dirigia a Roma no tempo de Domiciano, foi mettido em uma caldeira com azeite fervendo, d'onde saíu, segundo consta, mais forte e vigoroso.

B. A.

[1] S. Matth., cap. XVI.

TITAN GIGANTESCO

O insecto de que nos vamos occupar é classificado pelos naturalistas na ordem dos *coleopteros* e na familia dos *longicornes*. Habita a parte meridional da America; e, como o indica o seu nome, que em linguagem scientifica se diz *titanus giganteus*, é o maior dos coleopteros conhecidos. A nossa gravura representa-o reduzido a dois terços do seu tamanho natural. Vive nas mattas, e quando se recolhe do pasto busca abrigo e escondrijo nas tocas das arvores annosas.

Como acontece a todos os coleopteros, passa por metamorphoses completas. No seu primeiro estado, de *larva*, ou *lagarta*, como chamam em o nosso paiz a todas as larvas, o seu desenvolvimento é moroso, e, por conseguinte, a sua duração um pouco longa, pois que chega e ás vezes excede a um anno. No segundo estado, que denominam *nympha* ou *chrysalida*, permanece immovel, até que se opera a ultima metamorphose. A nympha do titan gigantesco não é envolvida toda na mesma pellicula, como se vê, em geral, n'outras especies de insectos; diversas pelliculas lhe envolvem os membros separadamente. A duração d'este segundo estado é incomparavelmente mais curta que a do primeiro. Em fim, a ultima transformação apenas lhe dá alguns poucos dias de existencia. Assim que aquella se opera, o macho procura logo a femea, e ao cabo de quatro ou cinco dias depois de a ter encontrado morre, pois que, deixando-a fecundada, completou a sua missão. A femea sobrevive-lhe sómente breves dias, quantos bastam para se desempenhar, a seu turno, do encargo que lhe commetteu a natureza de propagar a sua especie. Logo que completa a postura da semente, ou pequenos ovos, d'onde hão de nascer no seguinte anno as novas larvas, deixa de existir.

O titan gigantesco tem dois pares de azas differentes na fórma e na materia. As superiores, a que os naturalistas chamam *elytros*, são coriaceas e convexas, de modo que, estando fechadas, cobrem-lhe o corpo como a tampa de uma caixa. As inferiores são transparentes, guarnecidas de rijas nervuras, e mais compridas que o corpo, de sorte que, estando o insecto em repoiso, conserva-as encolhidas, dobradas para dentro na extremidade, e recolhidas debaixo das duas azas superiores, que lhes servem como de estojo. Quando vôa, as primeiras abrem-se e ficam horisontaes, para que as segundas se possam estender e mover; porém servem-lhe mais para a sustentação do equilibrio que para auxilio do vôo. As duas azas inferiores é que habilitam o titan gigantesco a emprehender as suas viagens aéreas. Porém, como não são bem proporcionadas ao peso do corpo, não dão ligeireza ao vôo, nem o podem sustentar por largo espaço. Pela mesma razão este insecto nunca vôa contra o vento.

A palavra *coleoptero*, com que a sciencia designa uma ordem de insectos, que abrange muitas especies differentes, é formada de dois vocabulos gregos, que querem dizer: o primeiro *estojo*, o segundo *azas*, em referencia á fórma e dureza das azas superiores, que, guardando as azas inferiores como em uma caixa, cobrindo e defendendo a parte principal do corpo dos insectos, constituem um distinctivo particular.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A VISÃO DO TENENTE

(Conclusão. Vid. pag. 174)

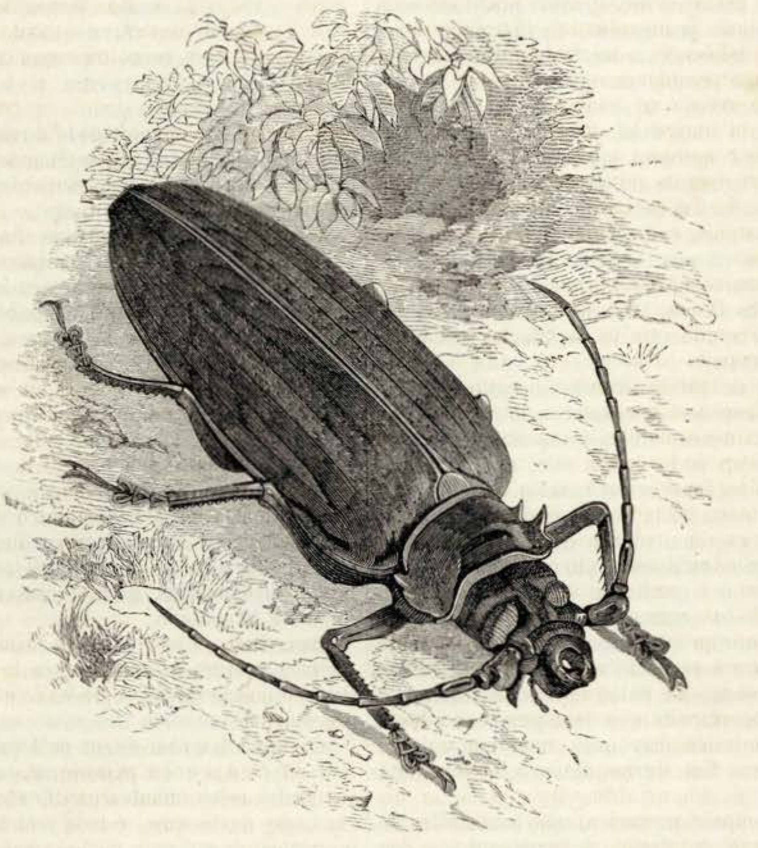
V

NO CAMPO DA HONRA

Não descreveremos a batalha de Wagram; já talvez de mais nos enlevassemos, arrastados pelo assumpto, n'estes quadros militares. Mas no desenlace d'essa immensa tragedia procuraremos apenas a ultima scena do nosso dramasinho modesto.

O sol, rompendo no dia 6 de julho, illuminou um d'estes quadros sublimes que ficam para sempre gravados na memoria dos que os contemplam. N'uma extensão de mais de tres legoas desenrolavam-se trezentos mil homens promptos a virem ás mãos. O Danubio corria scintillante á esquerda do exercito francez. Ao longe, no fundo, divisava-se o perfil magestoso de Vienna, banhada de luz. Nos seus telhados e terraços agglomerava-se innumero povo, que vinha assistir de longe a esse prelio gigante onde se iam decidir os destinos de dois imperios.

Á direita da linha sinuosa do exercito francez scintillavam as bayonetas das intrepidas divisões do marechal Davoust; logo em seguida, mas um pouco á retaguarda, o corpo de exercito do marechal Oudinot, duque de Reggio, esperava, com a arma no braço, a



Titan giganteseo

ordem de entrar em linha. Nas suas fileiras via-se a infanteria portugueza, e o primeiro regimento de cavallaria, immovel, debaixo das ordens do seu coronel Ferreira de Aguiar, preparava-se para alguma carga brilhante. Na retaguarda de um dos esquadrões, Raphael, sombrio e como que estranho ao que se passava em torno d'elle, parecia a estatua de um antigo cavalleiro. No centro o exercito de Italia, recem-chegado, e commandado por Macdonald, anciava por se mostrar digno das épicas façanhas dos seus camaradas; logo depois desenrolavam-se as phalanges de Bernadotte, e na extrema esquerda, Massena, que dera uma quéda do cavallo dias antes, commandava as suas divisões dentro de um caleche.

Rompeu a batalha, e os austriacos mostraram-se nos primeiros lances decididos a jogarem uma partida desesperada. A sua esquerda fez trepidar um instante o intrepido Davoust. A reserva de granadeiros e couraceiros, carregando Bernadotte, leva-o á retaguarda completamente derrotado; Massena vê-se quasi torneado pelas legiões inimigas. Já a direita do principe Carlos se apoia no Danubio, já a divisão Boudet, que formava o flanco esquerdo das tropas de Massena e de todo o exercito, recúa em desordem, cedendo o terreno. Napoleão, que, no meio da sua guarda imperial e do corpo de exercito de Marmont, que constituia a reserva, fazia as suas ultimas disposições, corre á esquerda, por entre uma chuva de balas que parecem respeital-o. «Firmes, diz elle, firmes uma hora só, e está a batalha ganha.» No meio do desalento que de todos se apossára, o olhar brilhante de Bonaparte, a sua serenidade, a sua confiança, tudo restabelecem. Aos gritos de «Viva o imperador», as suas divisões, dirigidas pelo intrépido Massena, tomam raiz nas posições em que se acham. Ao mesmo tempo Napoleão, correndo ao centro, ordena uma d'aquellas manobras sempre decisivas e sempre novas em que era tão fecundo o seu admiravel engenho. Reune todas as bocas de fogo disponiveis, forma-as n'uma immensa bateria de cem peças, e arroja-a contra o centro inimigo. Treme a terra com o peso enorme d'esta massa de canhões, os echos repetem espavoridos este estampido immenso, a chamma d'este volcão artificial illumina com sinistra luz, que sulca

as densas nuvens de fumo, o campo de batalha. As divisões austriacas de granadeiros e couraceiros são demolidas como as muralhas de uma fortaleza, e pela brecha larguissima penetra, formado em columna cerrada, o exercito de Italia, que Macdonald dirige. Então a derrota é completa, essas brilhantes divisões dispersam-se completamente, e o principe Carlos vê, com lagrimas de raiva, desfazerem-se-lhe nas mãos esses instrumentos da sua sonhada victoria.

Entretanto, á esquerda tambem os austriacos pareciam primeiro triumphar. Rosemberg e Hohenzollern multiplicam os assaltos contra o inabalavel Davoust, e algumas vantagens conseguem, mas então entra em linha o corpo de exercito de Oudinot. Lá vae a legião portugueza, grave e intrepida, mostrar o que valem ainda, quando os anima um sentimento nobre, os descendentes dos soldados de Albuquerque! Esse sentimento é o da gloria portugueza, da honra do nome de Portugal, que devem levantar bem alto n'esses jogos olympicos onde combatem representantes de tantas nações! Briosamente o sustentam, e merecerão que o imperador d'elles diga depois da campanha: «Não ha na Europa melhores soldados!»

Entretanto, o regimento de cavallaria ficava ainda em reserva e immovel debaixo do fogo inimigo. Mas as balas austriacas parecem respeitar Raphael, chovem em torno d'elle e nenhuma lhe toca. Porém n'esse momento uma divisão do corpo de Hohenzollern ameaça sériamente o flanco de uma divisão franceza. Oudinot, tendo á mão esse regimento de cavallaria, envia-lhe a ordem de carregar.

Um relampago de jubilo illumina o rosto sombrio de Raphael. Vae em fim encontrar a morte por que tanto anceia. Não desembainha a espada; os sonhos de gloria já não tem poder sobre elle, mas em compensação enterra as esporas no cavallo, e n'um instante se acha na vanguarda dos esquadrões. Os ligeiros cavallos não correm, vôam; os regimentos austriacos, lentos como verdadeiros allemães, nem tempo tem de se formar em quadrado. A cavallaria portugueza surprehende-os na marcha, destroça-os, debanda-os. Raphael penetra no mais acceso do combate com uma especie de raiva febril, mas ha n'elle um feitiço que o protege; as balas envolvem-n'o sem o tocarem. Quasi que suspeita que deve provocar a morte, leva a mão ao punho da espada, mas logo a deixa cair com desalento. Um sorriso amargo lhe contrahe os labios.

— O que é a gloria guerreira, murmura elle repetindo as palavras de Maria, desacompanhada das circunstancias que a justificam? Estes homens que estão na minha frente não são os inimigos da minha patria.

Entretanto uma bateria austriaca vareja a cavallaria portugueza e obriga-a a recuar. Só Raphael não recúa; enterra as esporas no peito do cavallo e galopa direito á boca das peças. Os seus camaradas contemplam estupefactos este acto de loucura, quando vêem de subito desapparecer cavallo e cavalleiro n'uma verdadeira procella de metralha.

— Em fim! bradára elle caíndo fulminado.

E o pensamento concluiu, porque os labios se recusaram a pronunciar palavras:

— Estás vingada, Maria!

. . . .

. . . .

Na vespera, 5 de julho, quando batia no sino da egreja de Carnide a ultima badalada das Trindades, expirava D. Maria de Menezes, soltando n'uma golphada de sangue uma palavra só:

— Raphael!

E n'essa mesma hora a sua pallida figura apparecia, vaga e diaphana, diante dos olhos do tenente nas margens do Danubio.

M. Pinheiro Chagas.

UMA ANTIGA CIDADE DA LUSITANIA

Diz o geographo Strabão, no l. III da sua preciosa obra, que uma colonia grega, saída da Laconia, aportára á Iberia, e que, tendo penetrado na Lusitania, em companhia de alguns celtiberos, aqui fundára uma cidade, famosa depois, sob o nome de *Laconimurgi*. D'esta cidade nos falla tambem a seguinte inscripção, encontrada entre as ruinas da vetusta Ægitania.

M. LEPIDO. VICT. LVSIT.
COHOR. FORTISS.
COHOR. MEIDOBRIG.
COHOR. LACONIMBVRGEN.
COHOR. TALABRICEN.
COHOR. ÆMINIENS.
TRIVMV. MER.
P. P. E. OMNES. LIBERA.
LITATEM. D. D. [1]

Á vista d'isto, não se póde duvidar da existencia da cidade de Laconimurgi, ou Laconimburgi, posto seja incertissimo o local que ella occupára, assim como a epocha em que fôra destruida.

Alguem quiz sustentar que ella existira em territorio hoje pertencente á Hespanha; outros (e entre estes figura o nosso erudito antiquario Jorge Cardoso [2]) suppozeram-n'a em Lamego, confundindo assim a Laconimurgi de Strabão com a Lama ou Lameca de Ptolomeu, sendo, todavia, povoações diversas. E quando mesmo o não fossem, nem por isso ficava resolvida a questão, pois é muito duvidoso que a actual Lamego seja a herdeira da antiga Lama.

Quanto a nós, Laconimurgi devia de existir em algum ponto do territorio encerrado entre o Tejo e o Vouga; e esta nossa conjectura deduz-se da inscripção que acima fica transcripta, e da ordem por que ahi estão collocados os nomes das povoações, cujas cohortes concorreram para a erecção d'aquelle monumento a M. Lepido.

Com effeito, nós vemos em primeiro logar a *cohorte fortissima*, que, segundo consta de antigas inscripções, era composta de *eborenses* [3]. Vem depois *Meidobriga*, a celebre *Plumbaria* dos romanos, cujas ruinas existem junto a Marvão. Segue-se *Laconimburgi*, e depois *Talabriga* (Aveiro) e *Æminium*, nas margens do Vouga. Todas estas cidades não ficavam a grande distancia umas das outras, e pela progressão em que foram inscriptas, de sul para norte, vê-se que Laconimburgi, situada para áquem de Meidobriga, ficava no coração da Lusitania, em algum ponto da Beira ou da Estremadura, e, como já dissemos, entre os rios Tejo e Vouga.

Posto isto, resta-nos agora inquirir se n'esse tracto de terra existem algumas ruinas que com verosimilhança se possam suppor as da velha Laconimurgi.

Abrindo o curioso opusculo intitulado *Memoria historico-corographica do districto administrativo de Coimbra*, pelo sr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Sécco, ahi se nos depara, a pag. 103, uma curiosa descripção dos vestigios de uma antiga povoação romana, situada junto á actual villa de Bobadella. Estas ruinas, que na opinião de um cavalheiro d'aquella localidade, o sr. Antonio Freire de Campos, seriam uma nova Pompéa, Herculanum ou a nossa Cetobriga, se devidamente se explorassem, consistem principalmente em dois aqueductos, que correm dos lados de léste e norte, ambos de architectura romana, um descoberto e outro soterrado; em um arco existente na praça da villa, indicando haver sido portico de algum gran-

1 Vid. *Portugaliæ Inscript. romanas*, por L. M. Jordão, n.º 326.
2 *Agiologio lusitano*, tomo III, pag. 100.
3 Brito, *Monarch. lusit.*, tomo I.—Fonseca, *Evora gloriosa*, pag. 24.—L. M. Jordão, oper. cit., n.º 114.

dioso edificio; em uns restos de uma calçada e de antigos muros; e, finalmente, em muitas columnas dispersas por varias casas da villa, mas que mostram terem feito parte de antiquissimas e sumptuosas construcções. No meio d'estes destroços tem-se descoberto, em differentes epochas, algumas inscripções, das quaes, infelizmente, nenhuma nos indica o nome da antiga cidade que alli campeára; e ainda em 1844 appareceu em uma excavação um busto de granito, que pelo seu tamanho mostrava ter pertencido a uma estatua de cêrca de 20 palmos de altura.

Ao nascente da villa ha um campo chamado *do Juizo*, talvez (diz com razão o cavalheiro acima mencionado) por derivação do *Forum* dos romanos. N'este se encontram tambem alguns restos de outra calçada. Para o sul de Bobadella, em distancia de 500 braças, apparecem do mesmo modo abundantes indicios de povoação antiga; e andando alli um homem lavrando, encontrou dois vasos de bronze muito perfeitos, um em fórma de gomil, talvez destinado ás libações dos sacerdotes gentilicos, e outro pyramidal, com base e tampa, talvez para os perfumes.

Por ultimo, em um campo denominado *de S. Bartholomeu*, a uma legoa de Bobadella, appareceram em um grande espaço importantissimas ruinas, contendo grossas telhas, tijolos, alcatruzes de barro, pedras de marmore com cavidades artificiaes, campainhas, caldeiras de ferro já carcomidas, sepulturas, e para cima de duzentas medalhas com differentes cunhos.

Até aqui as noticias extrahidas do opusculo do sr. Henriques Secco. Bem quizeramos dar mais alguns pormenores ao leitor, até porque é possivel que desde a epocha da publicação d'aquelle escripto (1853) se hajam descoberto mais algumas antiguidades em Bobadella. É-nos, porém, impossivel por agora satisfazer a curiosidade que possa ter despertado o que fica dito; pois havendo dirigido um pedido ao administrador do concelho de Oliveira do Hospital para que se servisse mandar-nos alguns esclarecimentos sobre este assumpto, nem sequer merecemos uma resposta d'aquelle magistrado [1].

Agora resta-nos dizer qual o indicio mais forte que nos faz suppor a antiga Laconimurgi no local da actual Bobadella. É o nome que ainda hoje conserva um dos sitios em que se tem descoberto aquellas importantes ruinas. Este sitio denomina-se *Moruje*. Posto que a similhança ou parecença de nomes não seja uma prova segura da identidade das povoações, todavia os antiquarios sempre a consideraram como um forte indicio; e é por isso que nos abalançâmos a suppor a actual Bobadella como representante da vetusta Laconimurgi, cujo nome se nos afigura corrompido no de Moruje.

Fazemos votos por que alguem se lembre de explorar aquellas importantissimas ruinas. Talvez alli ainda se descubra algum monumento que apoie a nossa conjectura, ou a destrua, indicando-nos o verdadeiro nome da antiga povoação celto-greco-romana, sobre que está fundada a villa de Bobadella.

Bayão, 23 de agosto de 1867.

D. Miguel Sotto Mayor.

Não digas nunca: «Esta falta é leve; posso commettel-a sem perigo.» Nem digas tambem: «Esta acção virtuosa é pouco importante; posso deixar de pratical-a.»

1 O desejo de colligir apontamentos para uma obra que emprehendemos ácerca de algumas antiguidades da nossa patria, levou-nos a endereçar varias cartas a differentes administradores dos concelhos, onde sabiamos existirem ruinas de antigas povoações, pedindo-lhes encarecidamente nos transmittissem noticias sobre o actual estado d'essas ruinas. Foi clamar no deserto! Apenas de um recebemos resposta! Folgâmos de registar aqui o nome do ex.^{mo} sr. Francisco Lopes de Azevedo Coelho de Barros Castello-Branco, administrador do concelho de Portalegre, que foi, como já dissemos, o unico que accedeu obsequiosamente ao nosso pedido. Receba s. ex.^{a} por este modo os nossos sinceros agradecimentos.

A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA PORTUGUEZA EM PARIS

II

A CUSTODIA DE BELEM

Os nossos assignantes conhecem, certamente, esta preciosa custodia, por terem visto o original, ou, pelo menos, a cópia d'elle em gravura publicada a pag. 241 do vol. II d'este jornal.

Ninguem ignora, pois, que esta peça é um primor de arte, e ao mesmo tempo um monumento de gloria dos portuguezes, porque foi feita do primeiro oiro que os reis do Oriente pagaram á coroa de Portugal em reconhecimento de preito e vassallagem. Mas o que nem todos sabem é que a esse primor de arte e padrão historico está associada uma outra gloria, menos ostentosa, porém muito significativa do alto grau de desenvolvimento a que chegaram as artes em o nosso paiz na entrada do seculo XVI; desenvolvimento que revela só por si, e bem manifestamente, um estado de civilisação que nos honra sobremaneira. A invenção e execução d'essa magnifica e gentil custodia é tudo obra de artistas portuguezes.

Solicitado o nosso governo pelo da França para enviar á exposição universal de Paris alguns objectos de arte antigos, para alli se formar uma secção de productos artisticos de todos os povos e de todas as epochas, onde se podesse ver representada e estudar a historia do trabalho da humanidade, foi remettida, entre outros muitos objectos curiosos e de grande valia, a custodia de oiro que pertenceu ao mosteiro de Belem.

Apenas essa secção se completou e fez patente, aquella custodia attrahiu a attenção geral, e todos os olhos se enlevaram na summa elegancia e formosura do feitio, na extremada perfeição e delicadeza do trabalho.

Ao saber-se isto acode logo a idéa de que não se esqueceriam de pôr junto de tão notavel peça todas as indicações historicas tendentes a esclarecer os seus admiradores ácerca da sua origem e nacionalidade. Parece, infelizmente, que não succedeu assim quanto á nacionalidade, o que é para Portugal ponto de honra muito importante. Auctorisa-nos a formar este juizo o que publicou o jornal de Paris *Revista da arte christã* sob o titulo *A historia do trabalho na exposição universal de* 1867.

Compõe-se esta producção litteraria de uma longa serie de artigos, muito interessantes e curiosos, em que o seu auctor mostra bastante proficiencia nos assumptos archeologicos e de bellas artes.

Tratando dos objectos enviados pelo nosso governo, chama á custodia de Belem *a maravilha da exposição portugueza, e talvez até de toda a historia do trabalho*. Consagra-lhe, portanto, minuciosa descripção, e mui judiciosas considerações no que respeita á apreciação artistica. Porém, transcrevendo a inscripção que se acha gravada na base da mesma custodia, commetteu dois erros, por falta de conhecimento da lingua portugueza, tirando fundamento de um d'elles para attribuir a fabricação da custodia a um artista italiano.

A inscripção, tal como se acha gravada na base da referida custodia, diz assim: *O muito: alto: principe. e poderoso. Senhor Rei Dom manoel.* I. *a mandou fazer. do ouro. das parias de Quiloa. Aquabov e* CCCCCVI.

Consiste o primeiro erro em que escreveu *partes* em vez de *parias*, o que dá á inscripção um sentido muito diverso, e menos glorioso para Portugal. O oiro das partes de Quiloa, isto é, vindo do paiz de Quiloa, póde ser reputado como resultado de transacção mer-

cantil. Em quanto que pelo modo por que está expresso na inscripção declara que é proveniente dos primeiros tributos pagos pelo rei de Quiloa em reconhecimento de vassallagem á coroa portugueza. Parias ou pareas é o tributo que paga um principe ou estado a outro em reconhecimento de obediencia e vassallagem. O oiro, pois, de que se fez a custodia foi o tributo pago por Habraemo, rei de Quiloa, na costa da Ethiopia Oriental, a el-rei D. Manuel, e trazido a Lisboa por D. Vasco da Gama na volta da sua segunda viagem á India.

Caíu no segundo erro tomando o verbo final pelo appellido do artista que fez a custodia. Segundo a orthographia antiga, remata a inscripção com a fórmula usada n'aquella qualidade de obras: *Aquabov e* CCCCCVI, que é o mesmo que dizer: *Acabou-se em* 1506.

O auctor dos referidos artigos, unindo o verbo á preposição, escreveu *Aquabove*, e no presupposto de que assim se appellidava o ourives, começou a analysar aquelle nome para descobrir a patria de tão insigne artista. *Aquabove*, diz elle, *deriva-se dos dialectos siciliano ou napolitano, e deve significar pouco mais ou menos — dique-aqueducto.*

Depois de se estender em largas considerações historicas e artisticas, com o pretendido fim de esclarecer a questão da naturalidade do ourives, conclue dizendo: *Aquabove foi um inventor, e para o attestar ahi está a sua obra: sua familia e o logar do seu nascimento não precisam de ser discutidos. Aquabove fez-se conhecer em Portugal; por conseguinte é portuguez por direito de conquista, e Portugal póde com todo o direito exigir para seu filho um logar distincto entre os mais illustres ourives de toda a Europa.*

O distincto archeologo que isto escreveu não caíria, certamente, em simillhante erro, se a par da custodia se achasse a indicação do nome do ourives, como cumpria que estivesse, pois que a nacionalidade completa d'aquella obra de arte está, felizmente, declarada e comprovada por documento contemporaneo authentico.

Aquella custodia foi feita por Gil Vicente, portuguez, famoso ourives de Lisboa. A este eminente artista cabem sómente as honras da execução, e na verdade são mui grandes, porque o trabalho de cinzel e de esmalte n'aquelle primor de arte é admiravel. As honras da invenção pertencem, porém, a outro nosso compatriota, que juntou ao titulo de distincto escriptor o de insigne desenhador. O nome de Garcia de Rezende é tão celebre na litteratura nacional pela sua *Chronica del-rei D. João* II, como na historia das bellas artes em Portugal pelos esbeltos e formosos desenhos que fez e foram executados, na fabrica da torre de S. Vicente de Belem, e da custodia de oiro que foi do visinho mosteiro dos monges de S. Jeronymo. Traçou o primeiro d'aquelles desenhos por ordem del-rei D. João II, a quem a morte não deu tempo para que o visse convertido na obra que hoje admirâmos. Delineou o segundo por encommenda del-rei D. Manuel.

Criado e educado no paço, Garcia de Rezende foi muito acceito e até privado d'estes dois soberanos, que muitas vezes se entretinham e compraziam vendo-o desenhar. Estes dois trabalhos, em que se ostenta com todo o seu brilho a poesia dos tempos cavalleirosos, dão bem a medida do seu talento artistico e das inspirações poeticas da sua alma.

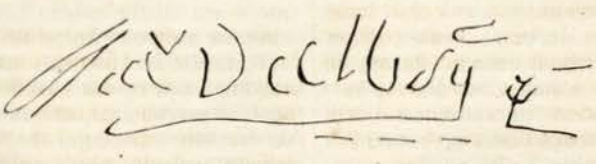
Para que não restem dúvidas sobre o nome do ourives que fez a custodia, que é o que principalmente nos interessa, copiaremos aqui a disposição do testamento del-rei D. Manuel relativa a esta obra de arte. O testamento guarda-se na Torre do Tombo, na Casa da Coroa, gaveta 16. Mas podem vel-o os curiosos publicado no tomo II das *Provas da historia genealogica da casa real portugueza.* N'este livro, a a pag. 328, lê-se: ... «Item mando que se dê ao Mosteiro de Nossa Senhora de Belem a Custodia que fez Gil Vicente pera a dita Caza, e a Cruz grande, que está em meu Thesouro, que fez o dito Gil Vicente, e asy as Biblias escritas de pena, que andam em minha guardaroupa, as quaes são goarnecidas de prata, e cobertas de veludo carmezim.»

Estas biblias são aquelles seis riquissimos livros de folhas de pergaminho, todas guarnecidas de primorosas illuminuras, geralmente conhecidos pelo nome de *Biblia dos Jeronymos,* que ao presente se guardam na Torre do Tombo.

A custodia e a cruz que el-rei D. Manuel deixou ao mosteiro de Belem, pertencem actualmente á casa real, e servem na sua capella.

Estas duas peças, e mais algumas outras que eram dos extinctos mosteiros, foram encorporadas nos bens da coroa para uso dos soberanos, em troca, ou como indemnisação das numerosas e mui valiosas peças de prata da casa real, que por ordem de sua magestade imperial o sr. D. Pedro IV, duque de Bragança, regente do reino, foram levadas para a casa da moeda, em Lisboa, onde foram reduzidas a dinheiro cunhado nos fins do anno de 1833 para acudir ás immensas e urgentissimas despezas da guerra da restauração da liberdade e do throno da sr.ª D. Maria II.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Fac-simile da assignatura de Affonso de Albuquerque [1]

Era Affonso de Albuquerque do conselho de sua alteza, commendador da ordem de S. Thiago, capitão-mór e governador da India. Nos ultimos dias do mez de outubro de 1509 tomou posse da governança em Cochim; conquistou Goa em 1510, e a constituiu a séde do governo; conquistou Ormuz em 1507, Malaca em 1511 e Benastarri em 1512; na volta de Ormuz, na barra d'Aguada, no dia 16 de dezembro de 1515, pelas 5 horas da manhã, na edade de 63 annos, lhe cortou a injusta parca os fios d'aquella honrada vida, tão merecedora de ser immortal como sua fama. A elle se deve a fundação do imperio asiatico lusitano.

1 Vid. o artigo publicado no vol. IX sob o titulo — *Uma pagina gloriosa da historia da India.*

Foi sepultado o 2.º viso-rei da India na egreja de Nossa Senhora da Serra, em Goa, sua fundação. Os seus restos mortaes foram trasladados para Portugal, onde chegaram aos 6 de abril de 1566. Jazem no ex-convento de Nossa Senhora da Graça, de religiosos agostinhos calçados, em Lisboa, na casa do capitulo, jazigo commum da familia dos Albuquerques. Veja-se a este respeito *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa,* tomo II, pag. 45 a 47, pelo sr. Carlos José Caldeira. Lisboa, 1853.

Affonso de Albuquerque nasceu na quinta chamada do Paraiso, que fica entre a villa de Alhandra e Villa Franca de Xira, hoje pertencente á ex.ᵐᵃ casa de Abrantes, no sitio da Povoa.

ABBADE DE CASTRO.